

# O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. FERREIRA.)

N.º 8.

ABRIL 15.

1856.

## DO GAZ DAS ILLUMINAÇÕES.

.....é elle que hoje serve na illuminação das ruas e dos edificios, em vez do azeite.

Ferreira Lapa — Comp. Pop. de Phys. e Chym. Vol. 2. Art. 2. §. 3.

### I.

ENTRE os diversos corpos da natureza, corpos d'apparencias e de qualidades as mais diversificadas, ha uns d'elles, que ainda até hoje não tem podido ser decompostos pela chymica; e outros ha, pelo contrario, que esta sciencia tem podido decompor, n'alguns d'esses mesmos corpos da primeira categoria.

Aos «corpos indecomponiveis», ou corpos da primeira classe, dá a sciencia o nome de corpos simplicis ou elementares, ou mesmo d'elemento-chymicos. — E aos corpos da segunda classe, ou «corpos decomponivies», dá a mesma sciencia o nome de corpos compostos, ou de productos dos elementos chymicos por outra.

O numero dos corpos compostos, quer pertencentes ao «reino organico», no qual entram os animaes e os vegetaes, quer pertencentes ao «reino inorganico», no qual entram os mineraes, de que se originam as rochas e os terrenos; — é um numero immenso, é um numero indefinido mesmo. — O numero, porém, dos corpos simplicis ou elementares, é hoje de 62 «elementos» unicos, conhecidos na sciencia pelas denominações seguintes:

«Alumínio, Antimónio, Arsénico, «Azóto; Bário, Bismutho, Boro, Bromio; Cádmió, Cálcio, Carbónio, «Cério, Chlóró, Chrómio, Chumbo,

«Cobálto, Cobre; Didymio; Enxôfre, «Erbio, Estanho; Ferro, Flúor; «Glucínio; Hydrogénio; Itrénio, Iódo, Iridio; Lantano, Lithio; Magnésio, Manganéz, Mercurio, Molybdéno; Nickel, Nióbio; Ouro, «Osmio, Oxygénio; Palládio, Pelópio, Phosphoro, Platina, Potássio, «Prata; Ródio, Ruthénio; Selénio, «Silício, Sódio, Strôncio; Tântalo, «Tellúrio, Terbio, Thório, Titânio, «Tungsténo; Urânio; Vanádio; «Ytrio; Zinco, Zircónio».

### II.

Das combinações que formam entre si o «carbonio» e o «hydrogenio», dois dos elementos dos 63 d'agora, é por sem duvida uma das mais interessantes para a industria, a que é conhecida em chymica pelo nome de «bicarbureto d'hydrogenio», e a qual se designa geralmente pela expressão de «gaz das illuminações», ou ainda ás vezes pela denominação de «gaz light», (*gáze-láite*), na phraseologia dos inglezes.

É um gaz invisivel e impalpavel como o ar da nossa atmosphera: é composto essencialmente de 1 parte d'hydrogenio e 2 de carbonio: e é dotado de chama branca muito brilhante, no acto da sua combustão. — No seu geral, porém, ou no estado de primitiva extração, é um gaz principalmente composto de «hydrogénio próto-carbonado», de mistura com diversas quantidades variaveis de «hydrogénio», de «hydrogenio bicarbonado», de «oxydo de carbonio», de «azóto», de «productos ammoniacaes e sulphurados», de «substancias mais ou menos resinosas e mais ou menos bituminosas», e de

« materias oleosas » de mais ou menos facil condensação: — substancias estas que entram quasi todas na cathogoria dos corpos compostos.

E extrahindo-se o gaz ordinariamente da *calcinação da hulha*, ou « carvão de pedra » na linguagem vulgar: pôde com tudo extrahir-se o mesmo gaz, « como de feito se tem extrahido », da *combustão e distillação* das diversas « substancias oleosas e bituminosas » em geral, e das mesmas « lenhas » ainda.

### III.

A combustibilidade dos gazes extrahidos das « lenhas » e do « carvão mineral », é conhecida na sciencia desde 1667, por meio d'algumas experiencias de Boyle, Hiles, e Shirlcy. — Foi, porem, só James Lowther, em 1733, o primeiro que bem descrevêra os phenomenos da chama do *gaz da hulha*, proveniente immediatamente das minas: assim como fôra Chyton, em 1739, o primeiro que fizera bem conhecer a combustão do *gaz light*, procedido da distillação do mesmo « carvão de pedra ». — Na China, todavia, desde as erasas mais remotas se conhece a arte do « aquecimento » e da « illuminação », por meio dos gazes inflammaveis, produzidos espontaneamente no seio da terra.

Lebon, ingenheiro francez, estabeleceu em Pariz, no correr de 1786, o primeiro aparelho de gaz das illuminações, extrahindo-o das lenhas por meio da distillação. — Os resultados, porem, das suas tentativas chymicas, foram-lhe de tam pouca vantagem, que o mesmo Lebon as abandonára desde logo. — Nem foram, tambem, de melhores effeitos para elle, e para a sciencia mesmo, as tentativas que se dizem effectuadas por este ingenheiro, nos seus ensaios do imprêgo do gaz da « hulha ».

Em 1792, com tudo, serviu-se Murdoch do gaz do « carvão mineral », com muito felizes resultados, na illuminação da sua casa de Redruth em Cornwall. — Em 1797, illuminou tambem do mesmo modo a Old-Kunneck em Ayrshire; e em 1798 con-

struiu na fundição da Soho, perto de Birmingham, um aparelho de extracção do *gaz light* em grande eschala. — E desde então é que esta especie d'illuminação se começou a espalhar prodigiosamente, substituindo o antigo systema da « illuminação a oleo »; — illuminação chistosamente « pigrammada pelo epitheto d'illuminação *le morcégos*, e que de feito quasi nem merece que se compare com a illuminação de gaz. — E ao allemão Winsor, muito designadamente, e' a quem se leve de feito a « primitiva e definitiva creação », em grande eschala, la illuminação a gaz na capital da Inglaterra: illuminação para que o mesmo Winsor trabalhára com a maxima energia, desde 1804 a 1810 em geral.

Foi só, todavia, muitos tempos depois d'estar Londres « illuminado a gaz », e de tambem haver esta mesma illuminação por outras muitas partes da Inglaterra; foi só muitos tempos depois, que o inglez Taylor importou para França os processos principaes da extracção do *gaz light*. — Formaram-se então muitos estabelecimentos d'esta ordem em Pariz, e por outras diversas povoações de França: — e d'alli se transportou ao depois, para outras das nações da Europa, uma tam util descoberta da chymica, descoberta da qual participa a nossa capital ha bastantes annos, participando tambem agora d'ella o Porto, desde o anno passado para cá.

E da mesma proficua descoberta vai gosar bem breve a cidade de Coimbra, assim como é d'esperar que d'ella bem cedo irá tambem gosar esta nossa cidade de Braga, e 3.<sup>as</sup> das principaes cidades do nosso Portugal, a capital da fertile populosa provincia do Minho, e a verdadeira Cintra pictoresca d'estas nossas regiões do norte.

A « illuminação a gaz », está sendo agora entre nós anciosamente desejada, e decidida já para esta nossa capital do Minho.

### IV.

Na extracção do gaz da *hulha* ou « carvão mineral » — extracção de-

cididamente preferida hoje em toda a parte — não é, todavia, de todas as diversas espécies d'esta « substancia combustivel », quo a chymica se serve hoje para esse preparo do gaz light, ou « gaz das illuminações ».

Os melhores « carvões mineraes », para este fabrico do gaz, são os da especie conhecida na sciencia pelo nome *de hulhas gordurosas de grande chamma*, especie mineralogica muito abundante na Inglaterra sobre tudo, em cujo paiz se lhe dá geralmente a designação de *smith coal*, « carvão de forja ou carvão dos ferreiros », na nossa terminologia.

E esta especie de hulha, ou « carvão da terra », é a média das tres principaes qualidades deste « combustivel », hoje reconhecidas genericamente nas sciencias geologicas, ou « sciencias do estudo geral da terra »: — tres qualidades estas, as quaes são conhecidas geralmente pelos nomes *de hulhas compactas*, (Cannel-coal dos inglezes, e Kennel-kohle dos allemães), *hulhas gordas*, (Carvão lameloso, Hulha schistosa dos antigos), e *hulhas séccas ou magras*, Pech kohle, e Glanz-khole dos allemães).

(Continúa)

J. J da Silva Pereira Caldas.

PRECIOSAS RIQUEZAS, QUE EXISTEM NO INTERINO DEPOSITO DA BIBLIOTHECA DE BRAGA, PELO QUE PERTENCE A LITTERATURA CLASSICA, GREGA, LATINA E PORTUGUEZA.

« A NAÇÃO portugueza tem no seu idioma « os mais preciosos monumentos de Historia. « As Historias da India compostas por João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Affonso d'Albuquerque, onde « está reconcentrado todo o bom gesto de verdadeiro atticismo, formam um corpo de Historia que, visto por todos os lados, é o mais auctorizado, o mais vasto, o mais novo e interessante, que nunca viu o mundo até aquellos tempos, nem nos modernos ha esperanca de outro semelhante. Não fallo ja das chronicas dos nossos reis antigos até D. Affonso 5.º « compostas por Fernão Lopes, pae da prosa portugueza, e o primeiro talvez que na Europa escreveu a historia dignamente; nem na « que escreveu Gomes Eannes d'Azurara, Garcia de Resende, Ruy de Pina, Damião de Goes, Duarte Nunes de Leão, Duarte Galvão, Pedro de Mariz, Francisco d'Andrade, Fr. Ber-

nardo de Brito, Fr. Antonio Brandão, Fr. Luiz de Sousa, Fr. Marcos de Lisboa, o P.º João de Lucena: afora os que escreveram historias de cavallaria... Em uma palavra a Nação Portugueza, pode-se afirmar que ensinou como se devia escrever a historia em a lingua vulgar, como ja disse um celebre autor estrangeiro. »

Assim se explica o nosso abalizado critico Francisco Dias Gomes, citado pelo sr. Figueira na sua *Bibliographia Historica Portugueza*. Lisboa 1850 — 8.º —

E de todos esses 18 escriptores acima enumerados, qual é o que falta no Deposito da Bibliotheca de Braga? Falta um só, que é o *Castanheda*. —

Outro illustre escriptor, nosso contemporaneo, e um dos primeiros humanistas de Portugal, isto é, o sr. A. Cardozo, no seu *Bosquejo Historico da Litteratura Classica, Grega, Latina, e Portugueza*. 2.ª edição, Coimbra, 1846; apresenta-nos 3 listas de Poetas e Prosa-dores, dos quaes existem os seguintes no Deposito Bibliographico de Braga.

#### GREGOS — 28.

Anacreonte — Appiano — Athanasio (S.) Basilio (S.) — Demosthenes — Eschines — Eusebio — Flavio Josepho — Gregorio Naz. (S.) Herodoto — Hesiodo — Homero — Isocrates — J. Chysostomo (S.) — Justino (S.) — Libanio Longino — Luciano — Lysias — Origenes — Orpheu — Pindaro — Platão — Plutarcho — Proclo — Pythagoras — Thucydides — Xenophonte.

#### LATINOS — 46.

Agostinho (S.) — Ambrosio (S.) — Ausonio — Catullo — Cesar (Julio) — Cicero — Claudiano — Cornelio Nepos — Curcio (Quinto) — Cypriano (S.) — Eutropio — Floro (Lucio) — Hilario (S.) — Horacio — Jeronymo (S.) Justino — Juvenal — Lactancio — Livio (Tito) Lucano — Lucrecio — Marcial — Marco Manilio Ovidio — Paulo Orosio — Persio — Phedro — Plauto — Plinio (O moço) — Propercio — Prudencio — Quintiliano — Sallustio — Seneca (os dois) — Sereno Samonico — Stacio — Suetonio — Sulpicio Severo — Tacito — Terencio Tertulliano — Titullo — Valerio Flacco — Valerio Maximo — Velleio Paterculo — Virgilio.

#### PORTUGUEZES — 44.

Amader Arraes — André de Resende — Antonio Brandão — Antonio Biniz da Cruz — Antonio Vieira — Bernardim Ribeiro — Bernardo de Brito — Damião de Coes — Diogo Bernardes — Diogo do Couto — Diogo de Paiva — Domingos dos Reis Quiza — Duarte (D.) Duarte Galvão — Duarte Nunes de Leão — Egas

Moniz — Fernão Lopes — Fernão Mendes Pinto  
Francisco Brandão — Francisco Fenz. Galvão.  
Francisco Manoel de Mello — Francisco Roiz.  
Lobo — Francisco de Sá de Miranda — Fran-  
cisco de Sá e Menezes — Gabriel Pereira de  
Castro — Garcia de Rezende — Gomes Eannes  
d'Azurara — Heitor Pinto — Jacintho Freire.  
Jeronymo Corte Real — Jeronymo Osorio —  
João de Barros — João de Lucena — José A-  
gostinho de Macedo — Lobeira (Tr. de Ber-  
tasso) — Luiz de Camões — Luiz de Menezes  
(D.) — Luiz de Sousa (Fr.) — Min. de Faria e  
Sousa — Manoel Sever. de Faria — Pedro d'An-  
drade Cam. — Pedro (D.) Cd.º de Barcellos.  
Ruy de Pina — Vasco Mous. de Quevedo. —

## N. B.

Quem comparar o total dos auctores Gre-  
gos, citados no *Bosquejo* do sr. Cardoso com  
a pequena lista dos que existem no Deposito  
de Braga, ha de achar poucos em numero;  
mas deve contentar-se com a *qualidade*, pois  
que nelles se abrange o que na lingua grega  
houve de mais formoso em *poesia, eloquencia, e*  
*historia.* —

Quanto a escriptores *Latinos*, a lista do De-  
posito é a olhas vistas riquissima, nos tres ci-  
tados ramos de litteratura.

E pelo que pertence a auctores portugue-  
zes, faltam apenas alguns que cita o sr. *Car-*  
*doso*, mas que são facilissimos de obter de fu-  
turo, por que nenhum delles é raro.

Por tanto, fica manifesto que, segundo  
o illustre humanista de Coimbra, ha no Depo-  
sito bibliographico de Braga, nas 3 linguas  
*Grega, Latina, e Portugueza*, escriptores mais  
que de sobra, para se endereçar (como elle en-  
dереça a qualquer leitor) os seguintes formosos  
versos quando falla do seu *Bosquejo Historico*.

## STUDIOSO LECTORI.

Sive tibi, Lector, lubent respice lere gestas;  
Sive animas hominum flutere vocis ope;  
Sive modis Musarum delectare canoris;  
Exempla unde petas, indicat iste liber.  
Auctores Lusos cum Graecis atque Latinis  
Assiduus versa, percole, subsequere.  
Hic denum studio fies, praesente Minerva,  
Orator, Vates, historicus ve bonus.

## VERSAO

Se te apraz escrever d'humanos feitos;  
Se co'a a voz dominar animos livres;  
Se em fim rival das Musas ser no encanto  
Olha aos modelos, que este livro aponta.  
De Lysia auctores, e os da Grecia, e Lacio,  
Cumpre-te assiduo ler, honrar, sequil-os.  
Que estudos taes, se ha veia, hão de tornar-te  
Vate, orador, e em historia peana illustre.

M. R. S. A.

Mas o sr. Cardoso, por isso que só que-  
ria dar-nos um *Bosquejo*, foi forçado a omit-  
tir outros muitos *classicos* portuguezes, como  
são os seguintes historiadores, que tambem se  
acham todos no respectivo deposito bracaraense.

## HISTORIADORES PORTUGUEZES

(CLASSICOS) — 54

Albuquerque (Affonso.) (Andrade (Fran-  
cisco d') Andrade (Miguel Leitão de) S. Anna  
(Fr. Belch de) Araujo (J. Salgado de) Aveiro  
(Fr. Pantal de) Azevedo (Luiz Mar.º de) Bar-  
reira (Fr. Isidoro da) Barreto (J. Franco.) Ca-  
lado (Fr. Manoel.) Cardoso (Jorge.) Castilho (An-  
tonio de) Ciuza (Diogo Pires.) Cruz (Fr. Bernar-  
do.) Cunha (D. A. Alvares da.) Cunha (D.  
Rodrigo da) Esperança (Fr. Man. da) Estação  
(Gaspár.) Freire (Franc. de Brito.) Galvão  
(Antonio.) Godinho (P. Manoel.) Gouvea (Fr.  
Antonio de) Guerreiro (Affonso) Guerreiro  
(Fernão) Jesus (Fr. Ruffel de) Lacerda (D. F.  
Torres de) Correa de) Lavanha (João Bap.)  
Lima (Luiz Lisbon (Fr. Marcos de) Macedo  
(Duarte Ribeiro de) S. Maria (D. Nicol. de)  
Mariz (Pedro de) Martyres (D. Fr. Barth. dos)  
Mendonça (Jeron. de) Menezes (O Arc. D.  
Aleixo de) Menezes (D. Fernando de) Menezes  
D. Manoel de) Para la A. Carvalho de) Puri-  
ficção (Fr. Ant. da) Ribeiro João Pinto) Sam-  
pão (A de Villasboas) Santos (Fr. João dos)  
Santos (Fr. Manoel dos) Sepalchro (Fr. Man. do)  
Silva (Fr. Bernardino da) Soveral (Fr. Roque  
lo) Telles (P. Balthazar) Tenreiro (Antonio) S.  
Tomaz (Fr. Leão de) Toscano (Franc. Soares.)  
Vasconcellos (L. Men les de) Vasconcellos (P. Si-  
não de.) Veiga (P. Manoel da) Vieira (P. An-  
tonio.)

Quem duvidar de que algum, ou alguns  
destes 54 escriptores, sejam dos de *melhor no-  
ta quanto a linguaagem*, consulte o *Catalogo* do  
sr. José Augusto Salgado (Porto 1841, 8.º)  
e ahí verá todos esses nomes incluídos, sem  
faltar um.

Esta mesma nota se repete aqui, pelo que  
respeita á seguinte lista.

OUTROS PROSADORES CLASSICOS PORTUGUEZES, QUE  
ESCREVERAM EM DIVERSOS ASSUNTOS — 52.

Affonso da Cruz Fr. — Aleixo de S. An-  
tonio Fr. — Alvaro Ferreira de Vera — Ama-  
ro de Roboreto — André do Avellar — An-  
tonio das Chagas Fr. — Antonio Feio Fr. —  
Antonio Rosado Fr. — Antonio de Sousa de  
Macedo — Antonio de Vasconcellos P.º — Bal-  
thazar Gonsalves Lobato — Balthazar Limpo Fr.  
Balthazar Paes Fr. — Basilio de Faria D. —  
Bernardo Gomes de Brito. — Braz de Barros  
D. Fr. — Catharina (D.) Infanta. — Christovam

de Mattos P. — Diogo Affonso. — Diogo Monteiro. — Diogo do Rosario. — Fernão Ximenes do Aragão. — Philippe d'Aluz «Fr.» — Francisco do Amaral (P.) Dias Gomes. — Francisco de Mendonça «P.» Gaspar — Barreiros. — Gonçalo Fernandes Trancozo. — Henrique «D.» — Cardeal. João de Ceita «Fr.» João de Mello «D.» — João dos Prazeres «F.» Jorge Ferreira de Vasconcellos. Leonel da Costa. Luiz Brandão «P.» Luiz Serrão Pimentel. Manoel da Cruz «Fr.» Manoel dos Anjos «Fr.» — Manoel Bernardes «P.» Manoel Correa «P.» — Manoel Fernandes «P.» Manoel de Sousa «Cap.» Martim Affonso de Miranda. Nicolau Dias «Fr.» Nuno Barreto Fuzeiro. Pedro Calvo «Fr.» Pedro Correa «Fr.» — Rafael Bluteau «D.» — Rodrigo do Porto. «Fr.» Sebastião Cesar de Menezes. Thomaz da Veiga «Fr.» Thomé de Jesus «Fr.»

POETAS PORTUGUEZES CLASSICOS ALEM DOS REFERIDOS PELO SNR. CARDOSO — 8.

Alvares do Oriente «Fernão» Cruz «Fr. Agostinho da.» Fuzeiro «Nuno Barreto.» Macedo «Duarte Ribeiro de.» Machado «Sinão.» Manoel Thomaz. Sampaio «Antonio de Villas-Bôas.» Soutomaior «Eloy de Sá.»

Vide o Catalogo do snr. Salgado, já referido. (Continúa.)

## A SOCIEDADE ACTUAL.

S'il faut opter, si dans ce turbillon,  
Il faut choisir d'être dupe ou fripon,  
Mon choix est fait, je bénis mon partage:  
Ciel! rende-moi dupe, et rends-moi juste et sage.

(Théâtre français)

A sociedade, a par dos prodigiosos progressos do espirito humano, e de uma civilização, que brota com rapidez, não dizemos já, nas grandes povoações, mas até nas mais insignificantes aldeas, caminha no nosso entender para o abysmo, — para uma completa decepção. Não busquemos nos homens do dia esses principios immutaveis d'ordem, que tinham a sua raiz na sã moral, e na fé do christianismo; nem essas virtudes sociaes, que tiravam a sua força e robustez desses mesmos principios. Devassemos os espiritos da epocha, e nelles encontraremos de longe em longe alguma convicção; sondemos os corações, e com difficuldade descobriremos alguns vestigios de lei moral. Egoismo profundo em uns, orgulho desenfreado nos outros; em todos uma ansia de gozar; espirito de rivalidade e de sede de mando e de riquezas, são os desejos, que fermentam

no fundo de todas as almas, que têm cerrado os seus ouvidos ao benéfico influxo das inspirações religiosas. Confundidas todas ou quasi todas as distincções e posições sociaes, e havidas a maior parte dellas talvez pelo ouro; poucas por caprichos de fortuna, e mai raras as conquistadas pelo merecimento ou pela virtude, ahi vemos elevarem-se muitos homens a preencher, ou mesmo a usurpar logares eminentes da sociedade áquelles, aquem de direito deviam pertencer, e lá vão com o ouro, com que de novo se ataviaram, encobrir a ignominia das suas acções, e o escandalo de uma vida nodoadá, e quem sabe!... se de crimes!... Se o homem dá festas e saraus, — se tem grande somma de cahedacs, tudo será seu: grandes e pequenos todos se apressarão a render-lhe consideração, e a honrar-se com o seu serviço. O exquisito gosto dos seus trens — o faustoso adorno de seus palacios são o seu unico merecimento; eis o que prende a attenção da sociedade de hoje, é isto o que receberá hommenagens. O conseguir é tudo: é a maxima fatal, que se ouve saltar de bocca em bocca. Pouco importa o caminho a trilhar: pouco importam os meios, de que se ha-de lançar mão para se chegar a tudo isso, uma vez que se consiga o desejado fim! A sociedade neste seu delirio, e assim do declive para o abysmo não pôde, porque corrupta, como está, e desgraçadamente a corrupção vem de cima, não tem força. Dizemos nós, para expurgar esses homens do seu seio, fazendo-os severamente castigar por haverem vendido o sua honra, compromettido a sua dignidade, e contribuido poderosamente para se romperem os sagrados vinculos sociaes, porisso que as mais insensatas vaidades vieram substituir os sentimentos elevados — aquella nobre coragem e fortaleza da alma — aquella dignidade do homem, que tem a sua origem na estimação de si mesmo.

E são esses homens, taes quaes os havemos desenhado, que querem, que reclamam uma extensão descomedida de liberdade? E' uma sociedade entregue sem defeza as mais desordenadas paixões, e cujos progressos, pelo que respecta á moral, apresentam um sudario de crimes de todo o genero, que pôde atravessar por semelhantes provas, sem se dissolver, ou aniquilar? Não o accreditamos possivel. Será acaso que o mundo agora deva caminhar ao avesso das leis, que, até aqui tem presidido á ordem das sociedades humanas? cremos que não assim.

Neste estado de cousas vislumbramos cheios de dor na actual situação da sociedade

de o negro presagio d'uma larga serie de commoções successivas. O excessivo do luxo; a philosophia economica fomentando incessantemente novas necessidades; a vida reduzida ao presente sem se attender ao futuro d'uma familia que tem ou d'ir curar ao hospital as suas enfermidades e morrer á fome, ou de preverter-se ao outro dia; as ambições avivadas pela falta de classificação social, e baseadas na quasi total carencia de principios religiosos; a miseria publica esquecida pelos governos e a crescer espantosamente; eis a causa das inevitaveis catastrophes, que ameaçam e fazem estremecer os estados, e eis as razões, que nos assistem para dizer, que a sociedade caminha a passos largos para uma completa decepção.

O que hoje se passa deante dos nossos proprios olhos é uma dessas tremendas lições em que abunda a historia do Universo. O philosophos eclecticos não as tem sabido tomar senão em optimismo historico, e as assignalam como fases successivas de civilização e de progresso: nós porém dissentimos desta opinião e olhamol-as como um triste e medonho presagio de largas commoções sociaes. Mas não será a degradação actual, não será a nova camada que, como diz Chateaubriand, nas ultimas paginas das suas *Memorias*, já nasce lido corrupta, como a geração presente, que poderá desviar as já que as não quiz, ou não pôde prevenir por meio da instrução moral e religiosa; isso só o poderá conseguir uma juventude generosa, cheia de futuro, e que não tenha sido ainda materializada pelo revoltante cynismo dos nossos dias. A ella pois pertence restabelecer sobre suas bases o edificio da civilização moral, dando para fecho da abobada a religião pégada do alto do Golgotha.

Diremos por ultimo, que quando attentamos na crise, que ameaça os estados, que mais se temo adiantado em civilização material, é difficil não ver nesse grandis spectaculo uma espantosa lição, que ao menos deixaria uma esperanza, de que seria proveitosa, se desgraçadamente as lições dos paes não fossem quasi sempre perdidas para os filhas.

JOSÉ BORGES PACHECO PEREIRA.

## MILTON.

[Continuado do n.º 5.]

Incompativel como parece com a cegueira e trabalho de colligir um dictionario diz-se,

contudo que elle proseguio n'aquelle designio até á sua morte: e que os compiladores do dictionario de Cambridge, publicado em 1698, se serviram de tres folios que elle deixara.

As suas narrações historicas não vão alem da Conquista, sem duvida por causa da difficuldade de consultar uma infinidade de autoridades com o soccorro d'outros olhos.

Em quanto ao assumpto do seu poema epico, depois de ter pensado por muito tempo determinou-se pelo — Paraizo Perdido, determinação justificada pelos triumphos que a acompanharam.

Na Restauração Milton, receoso de perigo, escondeu-se para por em segurança a sua pessoa e fortuna, até que a amnistia veio proclamar o esquecimento do passado.

Quazi por este tempo foi habitar para a rua Jewin, e ali casou pela terceira vez, o que contribuiu pouco para a sua felicidade domestica pelo mau tractamento, que sua mulher dava aos filhas, que elle já tinha dos anteriores matrimonios.

Depois foi residir no Artillery — walk, aonde permaneceu até á morte.

Em quanto Milton dividia o tempo entre os negocios do estado e seus estudos particulares, era-lhe difficil concluir alguma obra litteraria de grande importancia; mas ao deixar o seu emprego de secretario latino, ficou no livre exercicio de suas elegias mentaes, que não podiam ser mais bem empregadas do que realmente foram.

O seu — Paraizo Perdido — diz-se ter sido escripto em diversos tempos, e foi vendido a Samuel Simão por 5 libras pagas immediatamente, e outra igual somma depois da venda de 1300 exemplares da primeira edição, e assim até á terceira.

Todas as edições se limitaram a 1:500 exemplares.

A terceira edição foi publicada em 1678, e a viuva, para quem tinha devolvido o original, vendeu todos os seus direitos a Simão pela paga immediata d'oitto libras.

Assim a somma de 28 libras foi toda a remuneração d'uma obra que não só immortalizou o nome do poeta, mas tambem lhe conferiu uma honra immortal ao paiz que lhe dera o ser.

Quatro annos depois da publicação do — Paraizo Perdido — publicou o — Restaurado — e o — Samson Agonisthes.

O Paraizo Restaurado foi a sua producção favorita, preferencia que a opinião publica não sancionou.

Ainda no ultimo anno da sua vida, Milton publicou uma collecção de Epistolas Familiares ás quaes, para poderem formar um volume, juntou alguns exercicios academicos.

Finalmente, chegando aos 65 annos, a gotta, que o atormentava ha muito, prevaleceu contra a natureza enfraquecida.

Milton morreu em 10 de Novembro de 1674, e foi enterrado junto de seu pai, no presbyterio de S. Gill, em Cripple-gate. O seu enterro foi esplendido, e o concurso numeroso.

Não ha memoria alguma que indique expressamente o lugar aonde elle foi sepultado. ainda que na Abbadia de Westminster se acha um monumento erecto em sua honra.

Estando convencido ha muito de que a sua saude tinha soffrido bastante pelos prolongados estudos nocturnos, tinha adoptado o costume de deitar-se cedo, (raras vezes mais tarde do que as nove horas) e levantar-se ás 5 no verão, e 6, no inverno.

Milton tinha um juizo penetrante, uma comprehensão prompta, e uma memoria tenaz.

E' opinião geral que elle fora superior a Cowley, Spenser, e Shakspeare.

Muitas foram as obras d'este grande genio, com tudo aquella que lhe deu maior celebridade foi, sem duvida alguma, o Paraizo Perdido.

Este poema, que os Inglezes apresentam á frente dos seus poemas epicos, e que lhe dá tanta honra e gloria, ficou por muito tempo desconhecido.

Foi necessario que Addison viesse fazer apreciar as suas bellezas, ignoradas até então por nacionaes e estrangeiros.

De todos os poemas epicos que existem, o Paraizo Perdido é de certo aquelle cujo assumpto é mais transcendente. O destino dos mundos; as revoluções celestes e terrenas, a rebelião contra Deus, levantada pela mais alta ordem de seres creados; a destruição da sua hoste e o castigo do seu crime, a formação d'uma nova raça de seres racionais, sua felicidade e innocencia originaes, sua queda da immortalidade, e sua restauração á esperanza e á paz: eis-aqui tudo o que o poeta se propoz decantar, e que elle desempenhou d'uma maneira que não podia ser excedida.

Milton não baseou os heroes do seu poema na baixa esphera das creaturas terrenas: em comparação d'elles, como disse M. de Pongerville, os deuses de Homero são apenas homens.

Arrebatado por um pensamento sublime, dotado d'um genio transcendente, elevou-se, por assim dizer, acima de si mesmo, e foi cantar essa rebelião, que produziu a queda d'uma tão alta ordem de seres creados.

Se Milton desce algumas vezes á terra, é para nos pintar a vida do primeiro homem revestida de todas as galas da pureza e da innocencia; é para nos descrever as bellezas do paraizo; é para nos mostrar, enfim, qual era a felicidade d'esse par ditoso no meio das delicias do Eden.

Contudo, o seu poema, com todas as obras dos homens não é isempto de defeitos.

Encontram-se n'elle bastantes durezas, produzidas por certas combinações de palavras, e

algumas concepções bizarras, extravagantes, taes como a dos muros d'alabastro em volta do paraizo, das peças d'artilheria no céu, dos demonios, de gigantes que eram, reduzindo-se apigmeus para occuparem menos logar na terrível assemblea; e dos anjos a cavallo, que, divididos pelos golpes de seus adversarios, tornavam logo a reunir-se.

Accusaram-no ainda das suas demasiadas de longas e repetições, e dizem que as suas invenções em logar de maravilhosas são extravagantes, como a d'uma calçada atravez do abysmo, os amores da morte e do peccado, e outras.

Contudo, se a critica achou fim ás censuras, não o achará nunca aos elogios; e Milton, a despeito dos Zollos, será sempre comparado a Homero, e tido como superior ao Dante, cujas concepções são ainda mais bizarras.

O quarto, o immortal canto, em que Milton descreve os innocentes amores de nossos primeiros paes, é um padrão de gloria, que basta para immortalisar o nome do poeta. Agora para aquelles de nossos leitores que não podem recorrer ao original, ahí lhe offerecemos a traducção d'um fragmento do sexto canto do Paraizo Perdido.

E' o combate dos anjos e dos demonios, uma das mais bellas passagens d'aquelle poema.

Raphael, que Milton no 5.º canto faz descer ao paraizo mandado por Deus a admoestar Adão da sua obediencia, do seu estado livre, da aproximação do seu inimigo, e de tudo aquillo que lhe fosse util saber, relata-lhe, a seu pedido, quem é Satanaz, a rebellião que originou a sua queda, e com elle a d'um grande numero de legiões celestiaes.

Depois, conta-lhe como Miguel e Gabriel foram mandados a combater com Satanaz e as suas legiões, a retirada de Satanaz, um conselho que elle convoca, e as novas maquinas diabolicas que inventa, com as quaes, no segundo dia de batalha põe ao principio em alguma desordem Miguel e os seus anjos.

E' então que estes lançando fóra as suas armas, arrancam as montanhas do ceu, e arremecando-as sobre os seus inimigos, sepultam debaixo d'ellas a força e as maquinas de Satanaz.

Esta passagem é uma d'aquellas em que o poeta deu mais longas á sua fantazia, como se vê do fragmento que abaixo publicamos.

Em quanto á traducção diremos sómente, que o seu auctor é o traductor do Eliezer de Florian.

Alem d'isso, os nossos leitores já conhecem de sobejo quanto o snr. Rodrigues é aprimorado n'este difficil genero de litteratura, pela traducção da balata de Goldsmith, e pela paraphrase do primeiro canto das lamentações de Jeremias já publicadas n'este jornal.

Em quanto a nós cremos que o snr. Ro-

drigues n'esta pequena traducção nada desmereceu das anteriores, e que vencendo facilmente as difficuldades, conseguiu que ella fosse em tudo uma copia fiel do original.

J. J. de Almeida Braga.

## O COMBATE

DOS ANJOS E DOS DEMONIOS.

N.º CANTO 6.º

DO

PARAISO PERDIDO DE MILTON.

Vers. 628 até 678.

Assim uns e outros remordentes vaias  
Saltam zombando e já soberbos cuidam  
O triumpho por seu, loucos! tão facil  
Com seus inventos ao poder do Altissimo  
Ousaram crêr-se eguaes, e os raios d'elle,  
E as legiões desdenhar! nesse momento,  
Em que as colheu o assombro! Mas quão breve  
Tal prazo foi! que a raiva enfim com impeto  
Os pulsa, e armas lhes mostra as que mais proprias  
São para oppor-se ás maquinas do inferno.  
Subito (e oh! que poder, que alta excellencia  
Não deu o Eterno aos seus valentes anjos!)  
Armas de si lançando-as aos outeiros,  
(Foi do ceo que imitando as varias formas,  
Aproveu á Terra ter outeiros, valles)  
Qual relampo veloces correm, voam:  
Desde a raiz entre empuxões convulsos,  
Fixos outeiros deslocando arrancam  
Em toda a sua massa, rochas, rios,  
Florestas; e por seus selvadousos topos  
Nas mãos erguidos os sustem. Attonitos  
Por certo, e de pavor eil-os transidos  
Os rebeldes, ao ver as tão medonhas,  
Reviradas montanhas proximar-se-lhes,  
E sobre as triples fileiradas maquinas  
De maldicção, em fim, baquear, sorvendo  
No abyssmo, sob seu pezo, orgulhos tantos.  
Mas já sobre as cabeças dos malvades  
Força de montes, que ennoitece os ares,  
Chove, e sob si comprime armadas hostes.  
Armadura fatal, que avulta as penas  
Aos seres, que entre ferros pisa, entala,  
Mais e mais dores lhes redobra, e em rabidos  
Gritos os faz romper, em quanto luctam  
Debaixo dessas massas; d'onde facil  
Lhes fôra d'antes desprender-se, espiritos  
Que eram então da luz mais pura, e agora,  
Depois da culpa, essencias já palpaveis!  
Os reveis, inda livres, imitando  
Contrarias armas, travam das montanhas,

8  
Que mais proximas vêem, então, oh pasmo!  
Daqui, dalli, nos ares repulsando-se,  
Cruzam vibrados montes contra montes,  
E tantos que, por baixo os combatentes  
Brigam nas trevas: mero brinco é a guerra;  
Se a compáras ao 'strendo, aos crebros roncões  
Desse infernal trovoar! Confusões horridas  
Sobre mais confusões montoadas surgem,  
E os ceos por certo hiam tornar ao cahos,  
Tudo abismado em ruinas, se o Altissimo,  
Lá do immortal Sanctuario, onde repousa,  
Pesando o fado aos mundos, não previsse  
Tumultos taes, que adrede livres deixa,  
Só porque assim se cumpre o grão proposito  
De honrar seu Filho unguido, e de vingal-o  
Sobre os inimigos seus pondo patente  
Que todo o seu poder nelle transfere.

París, 1830.

M. R. S. A.

Não bradamos no deserto.

A nossa voz, apesar de humilde,  
foi escutada.

A meza do Bom Jezuz do Monte  
encarregou o nosso amigo snr. Miguel  
José Raio d'escolher um pintor para  
copiar em maiores dimensões o retrato  
do architecto do templo.

Honra seja feita aos illustres mem-  
bros da Meza actual, que sabem res-  
peitar a imprensa e galardoar o ta-  
lento:

Torres e Almeida.

### ERRATAS NOTAVEIS DO 7.º N.º

Na pag. 4.ª col. 1.ª lin. 34 onde se lê  
Finda-se, lêa-se — Funda-se — Na pag. 4.ª  
col. 1.ª lin. 47 onde se lê Elle, lêa-se — El-  
la — Na pag. 6.ª col. 1.ª lin. 53 onde se lê  
Necessidades lêa-se — Necedades — Na pag.  
7.ª col. 1.ª lin. 59 onde se lê Por meus, lêa-  
se — Por meus peccados.

O escriptorio do *Murmurio* mu-  
dou-se para a rua do Anjo, n.º 7, aon-  
de se acha aberto, todos os dias não  
santificados, desde as 9 horas da manha  
até ao meio dia.